

# TRAÇOS DE PERSONALIDADE E VARIAÇÕES DA DIVERSÃO: TESTAGEM DE MODELO CAUSAL EM JOVENS BRASILEIROS

(2010)

**Nilton Soares Formiga**

Mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba. Doutorando pela mesma universidade.  
Docente na Universidade Estadual da Paraíba como professor substituto

Email:

[nsformiga@yahoo.com](mailto:nsformiga@yahoo.com)

---

## RESUMO

A diversão entre os jovens tem merecido destaque, principalmente, quanto à qualidade e tipo de lazer que aderem; essa condição permite questionar tanto variáveis psicológicas quanto sociais na orientação dessas atividades. Apesar das inúmeras variáveis que contribuem para explicação do comportamento humano, ainda é muito promissor o poder explicativo das teorias sobre a personalidade; independente da linha teórica, o construto da busca de sensações, o qual avalia o grau com que os jovens pretendem viver experiências em correr riscos e sua predisposição às sensações de novidades e intensidades podem contribuir na explicação dos hábitos de lazer. 284 jovens entre 15 a 20 anos, do sexo masculino e do sexo feminino, responderam os instrumentos das atividades dos hábitos de lazer e da busca de sensação. A partir do programa AMOS GRAFICS 7.0, os principais resultados indicaram que o construto busca de sensação associou-se, positivamente, aos hábitos de lazer.

**Palavras-chave:** Busca de sensações, hábitos de lazer, adolescentes, modelo causal

---

## INTRODUÇÃO

A diversão com suas variações e tipos tem sido ponto de grandes questionamentos por parte escola, família, clubes de recreação, entre outros; essa condição faz repensar a forma de lazer que os adolescentes estão vivendo e quais variáveis influenciam as escolhas dessas diversões e sua relação com a saúde psicossocial dos adolescentes. Desde a atividade mais comum de diversão, como é o caso do esporte em geral - principalmente, o futebol – o vídeo

game e outras tecnologias, passeios urbanos e rurais, etc., todas elas tem uma única função produzir uma representação adaptativa de uma ação de sucesso, bem como, da mudança de crenças, atitudes e valores com efeito benéfico nos fatores psicológicos e sociais para o jovem (Codina, 1989; Munné & Codina, 1992).

Os tipos e o tempo para os momentos da diversão atuam como uma forma de ocupação do tempo livre por muitos jovens, os quais podem até não satisfazer aos pais, e até professores, quando, dependendo da forma de diversão que os jovens venham aderir, poderá contrariar a institucionalização do limite e formação social estabelecida por parte dos pais e professores, caracterizando-se como um grande problema na dinâmica juvenil.

Ocupar-se com alguma atividade de diversão pressupõe que o indivíduo tenha satisfação com o que está fazendo para se divertir, mas também, que não tangencie as normas sociais e prejudique sua relação interpessoal. Ademais, cada pessoa poderá apresentar uma forma de passar seu tempo quando já se cumpriu todos os seus afazeres e compromissos cotidianos, podendo tornar-se um hábito, o qual poderá ser uma meta a seguir, devendo atender as necessidades básicas como o repouso, a diversão e o enriquecimento sócio-intelectual (Leite, 1995; Werneck, 2000).

Segundo Formiga, Ayroza e Dias (2005), um hábito poderá orientar o indivíduo as diferenciadas atividades de lazer as quais podem ir da leitura, passeio com amigos, visitas familiares, esportes em geral, participação em festas públicas ou privada com abuso de bebidas, etc. Para que isto se torne eficiente em relação à socialização e inibição de conflitos tanto com seus grupos de identificação (por exemplo, pais, familiares, professores e amigos, etc.) quanto consigo mesmo; porém, é necessário que estas atividades possam promover um reconhecimento referente à aceitação e prática social na escolha para diversão ideal e inibição de comportamento de risco (Argyle, 1991).

Vale destacar que um hábito de lazer corresponde, geralmente, aquilo que o sujeito aprendeu durante o seu desenvolvimento, repetindo-o e levando ao costume, fazendo com o jovem equilibre o que faz e com o que pensa, bem como, antes de tudo, deve-se apresentar atitudes favoráveis frente ao SER da diversão do que apenas o TER diversão (Marcellino, 2000). É claro que esses hábitos não devem ser compreendidos em termos de um determinismo comportamental, pois não somente o contexto (Myers, 1999), mas a própria relação que esses sujeitos têm com seus grupos de iguais e a orientação que os mesmos oferecem a esses jovens capazes de influenciar psicossocialmente suas condutas, especialmente, as que são referentes ao lazer.

Considerando essa perspectiva, teoricamente, muito se conhece a respeito do tema dos hábitos de lazer no Brasil (Andrade, 2001; Dumazedier, 1974/1999; Perreira, 1987; Requixá, 1974; Werneck, 2000), mas, ainda são poucos os estudos a respeito das variáveis predictoras desse construto – os hábitos de lazer. Em uma recente busca com as seguintes combinações de

palavras-chave, *lazer, jovens, personalidade ou adolescentes, hábitos, diversão e personalidade* (ver Index Psi, 2009; Scielo, 2009), para aferir a existência de estudos que tratasse de explicar os hábitos de lazer em jovens, foram encontrados os seguintes trabalhos:

1 - O estudo realizado por Bonato (2006) abordou os hábitos de lazer e o autoconceito em adolescentes; esse autor observou que os hábitos instrutivos, seguido pelos hábitos hedonistas, correspondem a melhores níveis de autoconceito. Para o autor, as relações entre os hábitos de lazer e o autoconceito indicam que as práticas de lazer qualificam o autoconceito dos adolescentes, bem como, atua na escolha, grau de envolvimento e na manutenção desses hábitos;

2 – Outro estudo, desenvolvido por Nobre (2006), tratou-se de avaliar os hábitos de lazer, nível de atividade física e características somatomotoras de adolescentes; o autor observou que adolescentes que praticam atividades físicas/ desportivas nos momentos de lazer, além de se mostrarem ativos, apresentaram maior frequência em lazer do tipo: jogar video-game e navegar na internet; apesar disso, os jovens apresentaram melhor aptidão física relacionada à saúde. Sugerindo que se considere a influência dos contextos e das relações inter-pessoais para melhor compreender os hábitos de lazer dos adolescentes, já que tais hábitos podem não somente se diferenciar entre grupos, devido a dinâmica cultural e de socialização, mas também, poderá ser diferente os tipos e dedicação quando focar a condição sócio-econômica dos jovens.

3 – O estudo de Formiga e Dias (2008), a partir de uma análise de regressão, avaliaram o poder preditivo das dimensões dos hábitos de lazer e sua influência nos indicadores do rendimento escolar; observaram que os hábitos instrutivos (hábitos de lazer que apresentaram atividades mais sociais, intelectuais e educativas) predisseram, positivamente, os indicadores do rendimento escolar (horas dedicadas ao estudo, melhor autoconceito quanto estudante e melhores notas); enquanto os hábitos hedonistas predisseram esses mesmos indicadores negativamente. Esses autores revelaram o quanto alguns hábitos de lazer são capazes de contribuir para a formação escolar e cultural do jovem, bem como, agir como fator de proteção a conduta de risco.

4 – por fim, outro estudo, desenvolvido Formiga (2009), avaliou a influência dos valores humanos sobre os hábitos de lazer; apesar de um estudo correlacional, este autor, observou que a função psicossocial de experimentação (descobrir e apreciar estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, e procurar satisfação sexual) relacionou-se, positivamente, com os hábitos hedonistas (quais visam ao próprio prazer); já a função normativa, interacional e suprapessoal (relativos ao conjunto de valores sociais relacionado a pessoa que está direcionadas para estarem com os outros; tendo o foco interpersonal e nos interesses coletivos e que pretendem manter um nível essencial de harmonia entre atores sociais num contexto específico) correlacionaram-se, positivamente, com aos hábitos instrutivos (direcionando o sujeito à formação cultural e intelectual) e negativamente, com os hábitos hedonistas.

Tendo em pauta estes trabalhos sobre o tema em questão, bem como, sua qualidade e contribuição para o estudo sobre hábitos de lazer, o objetivo principal do presente estudo trata-se

de avaliar, a partir da modelagem de equação estrutural, um modelo causal em que os hábitos de lazer possam ser explicados pelo construto personalístico busca de sensação.

A linha de pesquisa sobre o construto da personalidade como explicado da conduta humana não é nova na Psicologia, mas, nos últimos anos os construtos estruturais ou dos traços da personalidade vem sendo retomada e acrescentando informações na compreensão preditiva do comportamento humano (Paunonen, 1998; Sobral, 1998; Stephenson, 1990).

Com a divulgação e investida dos pesquisadores em relação ao modelo dos cinco grandes fatores (Cloninger; 1999; Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Anton & Wieczorek, 1998) para explicação do comportamento humano, a perspectiva dos traços “vem obtendo evidências a partir de três áreas principais: análise fatorial de grandes conjuntos de termos lingüísticos relacionados com os traços, pesquisas interculturais testando a universalidade das dimensões dos traços e a relação entre questionários de traços e outros questionários e avaliações” (Pervin & John, 2004, p. 212). A concepção da personalidade a partir de traços não diz respeito às questões patológicas, mas, à díade genética/meio ambiente, a qual implicaria em características individuais consistentes do comportamento, exibido pelo indivíduo em diversas situações, normalmente, concebido como disposições (Costa & McCrae, 1992; Saudino & Plomin, 1996).

Na psicologia, a personalidade tem sido explorada como construto capaz de explicar as diferenças individuais, proporcionando um marco teórico nos estudos a respeito das idiosincrasias e estabilidade da conduta de cada pessoa (Allport, 1973; Ávila, Rodríguez & Herrero, 1997; Barbaranelli & Caprara, 1996; Hampson, 1986; Pervin & John, 2004; Robinson, Shaver & Wrightsman, 1991); isto possibilita, a partir das características individuais, uma avaliação científica ou de senso comum em situações variadas quando se pretende prever as reações ou disposições futuras das pessoas (Gazzaniga & Heatherton, 2005; Paunonen, 1998; Peabody, 1987; Trzop, 2000). Assim, o conhecimento da personalidade, não somente pode contribuir na organização das relações interpessoais, como também, apontar em direção dos fatores de proteção frente às relações intepessoais (McAdams, 1992).

Na perspectiva dos traços são geradas taxonomias que permitem ao sujeito expressar através das condutas, formas específicas para si e os outros quando em interação social situação em que na maioria das vezes atende a deseabilidade social; o sujeito procura parecer melhor para os outros, descrevendo-se como gostaria que fosse descrito por quem o observa, justamente porque essa auto-imagem exigida se deve a uma co-dependência dos “papéis” sociais representados por cada um de nós (Queiroga, Formiga, Jesus, Gouveia & Andrade, 2001; Formiga, Yepes & Alves, 2005).

Para maior esclarecimento ao leitor, pretende-se esclarecer as variáveis que se pretende trabalhar nesse estudo; inicialmente, o construto busca de sensação é considerado um traço personalístico e teve seus estudos iniciados por Zuckerman (1971; Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978) referindo-se à necessidade de viver experiências complexas e de novidades

apenas pelo desejo de afrontar riscos físicos e sociais e satisfazer suas necessidades pessoais. Porém, Arnett (1994) a partir da perspectiva de Zuckerman, bem como, fazendo referência a alguns limites tanto na concepção do construto quanto em sua instrumentalização e seleção dos itens, propôs um modelo alternativo, defendendo que a busca de sensação varia em *intensidade* e *novidade*, não apenas em termos de complexidade das experiências como concebia Zuckerman. Esse traço de personalidade deve ser enfatizado sobre o processo de socialização o qual seria capaz de modificar predisposições biológicas ao invés do idiossincrático (Omar & Uribe, 1998).

Quanto ao construto hábitos de lazer, segundo Formiga, Ayroza e Dias (2005; Formiga, 2009), diz respeito às atividades de diversão assumidas pelos jovens quando já cumpriram todas as atividades consideradas importantes e obrigatórias exigidas pela família, escola, etc. e já não estão fazendo mais nada, os quais são distribuídos em três fatores: hábitos de lazer Hedonismo (diz respeito aos hábitos de consumo que enfatizam o prazer individual e imediato como único bem possível do indivíduo); o segundo hábitos de lazer Lúdico (diz respeito a utilização de jogos, brinquedos, passeio e divertimentos em geral, apresentando um caráter instrumental do lazer); e o hábito de lazer Instrutivo (enfatizando a experiência de aperfeiçoamento e crescimento desenvolvido pelos sujeitos tornando-os capaz de certas escolhas de lazer diferenciadas e exclusivas para eles, como também, pode assumir uma atividade quanto a transmissão, habilitação e ensino de conhecimentos).

O presente estudo, pretende contribuir, a partir da Modelagem de Equação Estrutural (MEE), realizada no programa AMOS 7.0, comprovar o modelo teórico considerando que o construto busca de sensação se associe, positivamente, aos hábitos de lazer em jovens. Especificamente, a técnica da análise da Modelagem de Equação Estrutural tem a clara vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresentar indicadores de bondade de ajuste que permitam decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada e sua direção associativa entre as inúmeras variáveis.

Dois resultados principais podem ser esperados ao trabalhar com essa análise: 1- estimativa da magnitude dos efeitos estabelecida entre variáveis, as quais estão condicionadas ao fato de o modelo especificado (isto é, o diagrama) estar correto, e 2 - testar se o modelo é consistente com os dados observados, a partir dos indicadores estatísticos, podendo dizer que resultado, modelo e dados são plausíveis, embora não se possa afirmar que este é correto (Farias & Santos, 2000). Atende-se assim, não a certeza total do modelo, mas, a sua probabilidade sistemática na relação entre as variáveis.

Um dos principais objetivos das técnicas multivariadas – neste caso, considera-se a modelagem de equação estrutural - é expandir a habilidade exploratória do pesquisador e a eficiência estatística e teórica no momento em que se quer provar a hipótese levantada no estudo. Apesar das técnicas estatísticas tradicionais compartilharem de limitações, nas quais, é possível examinar somente uma relação entre as variáveis, é de suma importância para o pesquisador o fato de ter relações simultâneas; afinal, em alguns modelos existem variáveis que são

independentes em algumas relações e, dependentes em outras. A fim de suprir esta necessidade, a Modelagem de Equação Estrutural examina uma série de relações de dependência simultâneas, esse método é particularmente útil quando uma variável dependente se torna independente em relações subseqüentes de dependência (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

De acordo com Farias e Santos (2000), Hair, Anderson, Tatham e Black (2005) e Zamora e Lemus (2008) ao considerar a modelagem estrutural do modelo – isto é, a análise de caminhos (*path analysis*) - relaciona-se as medidas de cada variável conceitual como confiáveis, acreditando que não existe erro de medida (mensuração) ou de especificação (operacionalização) das variáveis; cada medida é vista como exata manifestação da variável teórica. Assim considerado, desenha-se o modelo teórico que se pretende tomando a partir elaboração hipotética entre as variáveis independente e dependente, isto é, entre as variáveis latentes e variáveis observáveis, por exemplo: no desenho desse modelo – elaboração da ligação entre as figuras caracterizando as variáveis estudadas - um retângulo é considerado como variável observada medida pelo pesquisador; uma elipse é considerada variável latente, isto é, construto hipotético não observado; uma seta com uma ponta indica o caminho ou a relação causal entre duas variáveis; uma seta com duas pontas representa a covariância, isto é, que estas variáveis se associam entre si; por fim, uma bolinha preenchida com um número e letra referem-se a um erro de medida. A partir do momento em que se elabora a hipótese, identifica cada uma dessas figuras associando as variáveis que se quer provar a múltipla influência.

## MÉTODO

### Amostra

A amostra foi composta por 284 jovens, distribuídos igualmente no nível escolar fundamental e médio da rede privada e pública de educação na cidade de Palmas – TO, com idades entre 14 e 20 anos e uma renda econômica média de 1.160,00 Reais. Os respondentes foram do sexo masculino e do sexo feminino, predominando a participação dos homens (62%); essa amostra foi não probabilística e sim intencional, o propósito era garantir a validade interna dos resultados da pesquisa.

### Instrumento

Os participantes responderam um questionário composto das seguintes medidas:

Inventário de Busca de sensação. Este instrumento, construído por Arnett (1994; Omar & Uribe, 1998) trata-se de uma escala composta por vinte itens, os quais originam duas sub-escalas referentes à busca intensidade e novidade na estimulação dos sentidos, cada uma com dez itens cada uma. Para respondê-la a pessoa utilizava uma escala de resposta tipo Likert com quatro

pontos (1 = não me descreve em nada; 2 = descreve-me em alguma medida; 3 = descreve-me bem e 4 = descreve-me totalmente) devendo indicar nela com um X ou circulando o número que indicasse o quanto cada um dos itens descreve sua conduta habitual.

Escala das Atividades de Hábitos de Lazer. EAHL. Elaborado originalmente em português por Formiga, Ayroza e Dias (2005), o instrumento é composto por 24 itens que avaliam as atividades de lazer assumido por cada sujeito a respeito da sua ocupação quando não se está fazendo nada (por exemplo, Ler livros, Ler revistas, Ir a igreja, Navegar na *internet*, Comprar roupas, etc.). Para respondê-lo a pessoa deve ler cada item e indicar com que frequência ocupa seu tempo quando está sem fazer nada, depois de todas suas obrigações cumpridas, utilizando para tanto uma escala de seis pontos, tipo *Likert*, com os seguintes extremos: 0 = *Nunca* e 5 = *Sempre*.

Em um primeiro estudo a escala revelou, a partir de uma análise exploratória, a existência de três fatores explicando em seu conjunto 27,9% da variância total, sendo os seguintes: Instrutivo, Lúdico e Hedonismo. Os indicadores de consistência interna estiveram, respectivamente, entre 0,63 a 0,80. No segundo estudo, a partir de uma *Análise Fatorial Confirmatória (AFC)* e da análise do Modelo de Equação Estrutural (SEM) no *AMOS GRAFICS* (versão 7.0), a escala das Atividades de Hábitos de Lazer revelou indicadores de qualidade de ajuste aceitáveis [ $\chi^2/gf$  (59,08/54) = 0,92, GFI = 0,98, AGFI = 0,95, RMR = 0,02, CFI = 0,99, RMSEA (90%IC) = 0,01 (0,00-0,03) CAIC = 436,32 e ECVI = 0,55] comprovando as dimensões encontradas previamente por Formiga, Ayroza e Dias (2005).

Caracterização Sócio-Demográfica. Foram elaboradas perguntas que contribuíram para caracterizar os participantes deste estudo (por exemplo, sexo, idade, classe sócio-econômica), bem como, realizar um controle estatístico de algum atributo que possa interferir diretamente nos seus resultados.

## **Procedimento**

Procurou-se definir um procedimento padrão que consistia em aplicar os instrumentos coletivamente em sala de aula, em escolas em diversas áreas urbanas da cidade de Palmas-TO. Desta forma, colaboradores com experiência metodológica e ética, ficaram responsáveis pela coleta dos dados. Após conseguir a autorização tanto da diretoria da escola quanto dos professores responsáveis pela disciplina, os aplicadores se apresentavam em sala de aula como interessados em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no cotidiano, solicitando a colaboração voluntária dos estudantes no sentido de responderem um questionário breve.

Para isso, foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada e que, mesmo necessitando de uma resposta individual, estes não deveriam sentir-se obrigados em responder o instrumento podendo desistir a qual momento, seja quanto tivesse o instrumento em suas mãos ou ao iniciar sua leitura, ou outra eventual condição. Em qualquer um desses eventos, não haveria problema

de sua desistência, apenas bastava contatar as pessoas responsáveis pela aplicação do instrumento na sala de aula. A todos era assegurado o anonimato das suas respostas, enfatizando que elas seriam tratadas, estatisticamente, em seu conjunto de respostas; apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis, não interferindo na lógica e compreensão das respostas dos respondentes. Um tempo médio de 30 minutos foram suficientes para concluir essa atividade.

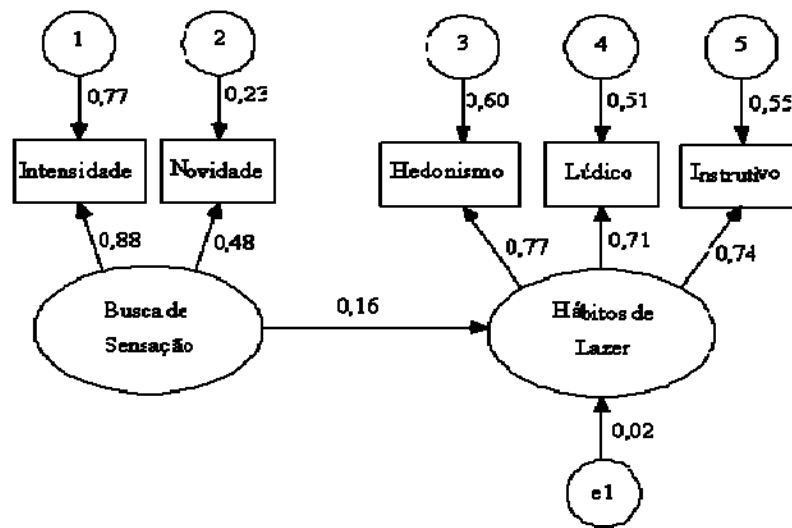
No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se a versão 15.0 do pacote estatístico SPSS para Windows. Foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão). No AMOS 7.0, foram computados e avaliados os indicadores estatísticos para o Modelo de Equações Estruturais (SEM) considerado, segundo uma bondade de ajuste subjetiva, os seguintes indicadores:  $\chi^2/gf$  (grau de liberdade), que admite como adequados, índices entre 2 e 3, aceitando-se até 5; Raiz Quadrada Média Residual - RMR, indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (0); índices de qualidade de ajuste, dados pelos GFI/AGFI, que medem a variabilidade explicada pelo modelo, e com índices aceitáveis a partir de 0,80; CFI, que compara de forma geral o modelo estimado e o modelo nulo, considerando valores mais próximos de um (1) como indicadores de ajustamento satisfatório e o RMSEA, que refere-se ao erro médio aproximado da raiz quadrática, deve apresentar intervalo de confiança como ideal situado entre 0,05 e 0,08. (Byrne, 2001; Hair, Tatham, Anderson & Black, 2005; Joreskög & Sörbom, 1989).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Visando atender o objetivo principal desse estudo - testar o modelo teórico (causal) para explicar os hábitos de lazer a partir da busca de sensação - considerou-se, para isso, um modelo recursivo de equações estruturais. Em relação à busca de sensação, os pesos (saturações) que explicam o modelo proposto estão expostos na Figura 1.



**Figura 1:** Modelo teórico para explicação dos hábitos de lazer a partir da busca de sensação em jovens.



Após as devidas modificações nos parâmetros psicométricos entre as variáveis encontrou-se um modelo adequado para hipótese esperada apresentando a seguinte razão:  $\chi^2/g.l$  (0,32/3) = 0,11,  $p < 0,96$ ; RMR = 0,01; GFI = 0,99; AGFI = 0,99; CFI = 1,00 e RMSEA = 0,01 (0,00-0,06); observou-se que o peso da variável dependente – a busca de sensação – associou-se, positivamente ( $\lambda = 0,16$ ), aos hábitos de lazer. Todas as saturações (lambdas,  $\lambda$ ) foram estatisticamente diferentes de zero ( $t > 1,96$ ,  $p < 0,05$ ), apoiando a adequação do conjunto de variáveis exógenas incluídas no modelo teórico testado.

A partir desses resultados, tomando como base explicativa o construto personalístico busca de sensação, o qual não somente enfoca a perspectiva individual, mas também, a do processo socializador em que essas diferenças individuais poderão se formar pretendeu-se contribuir em direção da compreensão dos investimentos psicossociais ocorridos na dinâmica juvenil inclusa em termos dos hábitos de lazer entre os jovens. Tendo como principal objetivo a apresentação de um fator de proteção a partir do momento em que, na vida juvenil, se reconhece o ‘como, o porquê e o onde’ poderá estimular nesses jovens a busca de novas experimentações e como estas poderão influenciar o tipo e tempo para os hábitos de lazer, acredita-se que é possível uma melhor administração do tipo e tempo de lazer vivido pelos jovens, principalmente, entre estes e seus pares de iguais e os pares sócio-normativos (por exemplo, pais e professores).

Garantido o modelo a que se propôs testar - o qual foi comprovado - optou-se por realizar uma análise de variância (ANOVA), método Bonferroni, para busca de sensação, tendo-a como uma variável independente e os hábitos de lazer sendo a variável dependente; observou-se que, em relação aos hábitos de lazer hedonistas, os jovens apresentaram uma média superior a alta busca de sensação ( $M = 1,55$ ,  $DP = 0,48$ ) em comparação a baixa busca de sensação ( $M = 1,47$ ,  $DP = 0,50$ ) [ $F(1, 287) = 1,68$ ,  $p < 0,05$ ]. No que se refere aos hábitos lúdicos observou-se uma média superior na alta busca de sensação ( $M = 1,52$ ,  $DP = 0,50$ ) em comparação a baixa busca de sensação ( $M = 1,46$ ,  $DP = 0,50$ ) [ $F(1, 287) = 1,88$ ,  $p < 0,05$ ]; quanto aos hábitos instrutivos, os

jovens apresentaram uma média superior a baixa busca de sensação ( $M = 1,54$ ,  $DP = 0,50$ ) em comparação a alta busca de sensação ( $M = 1,45$ ,  $DP = 0,49$ ) [ $F(1, 287) = 1,99$ ,  $p < 0,05$ ].

Com esses resultados, é possível refletir não somente na direção de um modelo teórico que explica os hábitos de lazer a partir dos traços da personalidade, mas também, que em tal modelo, ao considerar as pontuações médias das respostas dos jovens nesse estudo, elaborar atividades mais específicas para cada tipo de lazer visando um melhor controle dessas atividades e de sua elaboração e administração perante a família e a escolar. Tal perspectiva atenta para a consideração de que os traços de personalidade não se formam no vazio, e sim, não dinâmica interpessoal, principalmente na internalidade familiar sugerindo que, ao se inferir explicações sobre o tipo e tempo de lazer, a partir desses traços de personalidade – com base na busca de sensação – deve-se tanto focalizar-se no sujeito e sua desorganização emocional, bem como, é necessário incluí-la na organização desses traços de personalidade considerando os processos socializadores correntes na família, na escola e nos pares de iguais (colegas, vizinhos, etc.).

Essa condição visa o incentivo dos jovens buscarem experiências novas, porém, experiências que possam atuar como fator de proteção social e psíquica; trata-se de uma perspectiva situacionista na formação e mudança contextual nos traços de personalidade e na variação da busca de sensação a qual seria capaz de prever o comportamento – neste caso, o hábito de lazer - quando se considerar as disposições individuais e a influência interacional juvenil (Gazzaniga & Heatherton, 2005; Cloninger, 1999).

Assim, de forma geral, ao enfatizar tais resultados, pretende-se ir além da explicação de que os jovens – neste caso, destacando os jovens do presente estudo - ao procurar eventos que o levem a sentir sensações de novidade e intensidade, não o faz no vazio ou apenas se atribui que essa situação se deve a uma condição de organização hormonal e de instinto humano que busca viver a vida se arriscando, desconsiderando uma perspectiva psicossocial da escolhas e tomada de decisão juvenil. Pelo contrário!

Ao destacar o construto busca de sensação proposto por Arnett (1994; Omar & Uribe, 1998) aponta-se para a construção dos traços de personalidade, isto é, a busca de sensação, na dinâmica da socialização. Trata-se de uma convergência entre as características individuais e o processo socializador vivido por esses jovens e que estes influenciam os hábitos de lazer, podendo ser observado nas análises das médias das respostas desses jovens, onde uma alta busca de sensação explicou a adesão aos hábitos hedonistas e lúdicos, enquanto a baixa busca de sensação influenciou os hábitos instrutivos. Para os dois primeiros hábitos, a diversão aderida a um individualismo e prazer pessoal, com características mais instrumentais, a busca de sensação é crucial para que isso seja realizado, até porque se faz necessário um maior investimento físico e emocional por parte dos jovens, porém, deve-se chamar a atenção que para algumas atividades de risco ou conduta desviantes esses traços podem ser influentes (Formiga; Gouveia; Lüdke; Teixeira & Santos, 2002). Por outro lado, os hábitos instrutivos para que seja realizado é preciso

uma menor busca de sensação, até porque este hábito exigem concentração e dedicação condicionada, pois ele visa a formação cultural e intelectual do jovem.

## CONCLUSÃO

Sendo assim, atenta-se para uma maior atenção as investidas da mídia em geral em relação aos estímulos aos jovens de viverem intensamente os seus momentos no *aqui e no agora*, experimentando, ou sempre procurando experimentar, situações novas, as quais são tomadas como ponto de assimilação para a valorização da diversão na vida; o fato é que, a partir desses resultados, ao instigar uma atitude desse tipo é camuflar o amadurecimento do desenvolvimento psicológico e social juvenil o qual somente será possível quando socializado conduzindo o jovem em direção das comparações do certo e do errado, do respeito e do dever para com os outros e da diversão com menos riscos.

Em resumo, considerando os indicadores psicométricos do modelo teórico em questão é bom destacar que, quando for considerar os resultados do presente estudo, faz-se necessário ter em conta os aspectos mais específicos ou universais entre as culturas, inter e intracultural, na avaliação dessa escala quando se pretender adaptá-las para outros contextos. Por um lado, é importante considerar as dimensões locais, específicas ou exclusivas (*emics*) da orientação de cada cultura, bem como, e não menos importante, avaliar as dimensões universais (*etics*) da Cultura, com o objetivo de comparar os construtos estudados aqui para outro espaço geo-político e social (Muenjohn & Armstrong, 2007; Triandis e cols, 1993; Triandis, 1994; Van de Vijver & Leung, 1997).

Apesar de comprovar, neste estudo, o que se pretendia; nesse contexto teórico, pretende-se refletir em relação situação-disposição quando se tratar de predizer o comportamento humano – especificamente, o tipo de lazer. Sendo assim, alguns limites merecem ser destacados, pois estes resultados estão longe de responder definitivamente o problema aqui salientado: 1) seria útil um estudo com as mesmas variáveis entre grupos juvenis em diferentes contextos sócio-econômico e escolar; 2) avaliar o poder explicativo da busca de sensação e os hábitos de lazer a partir da dinâmica familiar; finalmente, 3) seria útil as comparações entre estudos e avaliações clínicas e experimentais quanto à busca de sensação e a os hábitos lazer entre pais e filhos.

## REFERENCIAS

- Allport, G. W. (1973). Personalidade: padrões e desenvolvimento. São Paulo: EPU.
- Andrade, J. V. (2001). Os consumidores do lazer. Em: Lazer: Princípios, tipos e formas na vida e no trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 127-138.
- Argyle, M. (1991). Leisure. Em: The social psychology of everyday life. New York, NY: Routledge, pp. 103-130.
- Arnett, J. (1994). Sensation seeking: a new conceptualization and a new scale. Personality and individual differences, 16 (2), 289-296.
- Ávila, A. E.; Rodríguez, S. C. & Herrero, J. R. S. (1997). Evaluación de la personalidad patológica: Nuevas perspectivas. In E. Cordero. (Ed.). La evaluación psicológica en el año 2000. (pp. 79-107). Madrid: TEA.
- Barbaranelli, C., & Caprara, G. V. (1996). How many dimensions to describe personality? A comparison of Cattell, Comrey, and the Big Five taxonomies of personality traits. European Review of Applied Psychology, n.1, v. 46, 15-24.
- Bonato, T. N. (2006). Hábitos de lazer e autoconceito em adolescentes. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Byrne, B. M. (1989). A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models. New York: Springer-Verlag.
- Cloninger, S. C. (1999). Teorias da personalidade. São Paulo: SP. Martins Fontes.
- Codina, N. (1989). El deporte como actividad compensadora en el tiempo libre. Anuario de psicología, 40 (1), 19-24.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). Four ways five factors are basic. Personality and Individual Differences, 13, 653-665.

Dumazedier, J. (1974/1999). Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva. Publicado originalmente em 1974.

Farias, S. A. & Santos, R. C. (2000). Modelagem de Equações Estruturais e Satisfação do Consumidor: uma Investigação Teórica e Prática. Revista de Administração Contemporânea, 4 (3), 107-132.

Formiga, N. (2009). Valores humanos e hábitos de lazer: Um estudo correlacional em jovens. Psicologia Argumento, 27 (56), 23-33.

Formiga, N. S. & Dias, P. S. (2008). Correlatos entre hábitos de lazer e os indicadores do rendimento escolar. O Portal dos Psicólogos, 1-11, (Disponível em <<http://www.psicologia.com.pt>> Acesso 21 de Dezembro de 2009).

Formiga, N. S.; Gouveia, V. V.; Lüdke, L. Teixeira, M. P. & Santos, W. D. (2002). Influência dos hábitos de lazer nas condutas antisociais e delitivas. Anais da XXXII Reunião anual de psicologia da sociedade brasileira de psicologia. Florianópolis, 23 a 26 de outubro de 2002, Florianópolis: SBP.

Formiga, N. S.; Ayroza, I. & Dias, L. (2005). Escala das atividades de hábitos de lazer: Construção e validação em jovens. Revista de Psicologia da Vetor, 6 (2), 71-79.

Formiga, N. S.; Yepes, C. & Alves, I. (2005). Correlatos entre traços de personalidade e afiliação com pares sociais: Reflexões a respeito da formação personalística em jovens. Anais do IV congresso científico do Ceulp-Ulbra: Ética e Ciência, (p. 277-279). Palmas-TO.

Gazzaniga, M. S. & Heatherton, T. F. (2005). Personalidade. In: Ciência Psicológica: Mente, cérebro e comportamento. (pp. 470-496). Porto Alegre: Artmed.

Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E. & Black, W. (2005). Análise Multivariada de Dados. Porto Alegre: Bookman.

Hampson, S. E. (1986). El concepto de personalidad. In La construcción de la personalidad. (pp. 11-16). Espanha: Piados. 1986.

Hutz, C. S.; Nunes, C. H. S. S.; Silveira, A. D.; Serra, J., Anton, M. & Wiczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores. Psicologia: Reflexão e Crítica, 11, 395-409.

Indexpsi. (2009). lazer, jovens, personalidade ou adolescentes, hábitos, diversão e personalidade. (Pagina da web: <http://www.scielo.br>. Pesquisa realizada em 14.11.09).

Joreskög, K. & Sörbom, D. (1989). LISREL 7 user's reference guide. Mooresville: Scientific Software.

Leite, C. B. (1995). O século do lazer. São Paulo: LTr.

Marcelino, N. C. (2000). Lazer e humanização. Campinas, SP: Papyrus. 3ª edição.

MCAdams, D. P. (1992). The five-factor personality profiles. Journal of Personality Assessment, 60, 329-361.

Muenjohn, N. & Armstrong, A. (2007). Transformational Leadership: The Influence of Culture on the Leadership Behaviours of Expatriate Managers. International Journal of Business and Information, 2 (2), 265-283.

Munné, F. & Codina, N. (1992). Algunos aspectos del impacto tecnológico en el consumo infatil del ocio. Anuario de psicología, 53 (2), 113-125.

Mussen, P. H., Conger, J. J., Kagan, J. E., & Huston, A. C. (1995). Desenvolvimento e Personalidade da Criança. (3ª ed.). São Paulo: Harbra.

Myers, D. (1999). O eu no contexto social. In: Psicologia social. (pp. 22-37). Rio de Janeiro: LTC.

Nobre, F. S. S. (2006). Hábitos de lazer, nível de atividade física e características somatomotoras de adolescentes. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Florianópolis-SC.

Omar, A., & Uribe, H. D. (1998). Dimensiones de personalidad y busqueda de sensaciones. Psicologia: Teoria, Investigación e Prática, 3, 257-268.

Paunonen, S. V. (1998). Hierarchical organization of personality and prediction of behavior. Journal of Personality and Social Psychology, n. 2, v. 74, 538-556.

Peabody, D. (1987). Personality dimensions through trait inferences. Journal of Personality and Social Psychology, n. 2, v. 46, 384-403.

Perreira, J. V. (1987). Perspectivas do tempo livre para o lazer no Brasil. Boletim de Intercâmbio, 6 (32), 39-55.

Pervin, L. A., & John, O. P. (2004). Personalidade : Teoria e pesquisa . Porto Alegre : Artmed.

**Queiroga, F.; Formiga, N. S.; Jesus, G. R.; Gouveia, V. V. & Andrade, J. M. Desejabilidade social e Personalidade (2001). Anais do XXXI reunião anual de psicologia: A construção da psicologia na pesquisa e no ensino. (p. 306). Rio de Janeiro: SBP.**

Requixá, R. (1974). Características e funções do lazer. Boletim bibliográfico do sesc, 4, 31-34.

Robinson, J. P., Shaver, P. R., Wrightsman, L. S. (1991). Measures of personality and social psychological attitudes. (Vol. 1, pp. 661-753). San Diego - CA: Academic Press.

Saudino, K. J., & Plomin, R. (1996). Personality and behavior genetics: Where have been and where are we going? Journal of Research in Personality, v. 30, 335-347.

Scielo. (2009). lazer, jovens, personalidade ou adolescentes, hábitos, diversão e personalidade. (Pagina da web: <http://www.scielo.br>. Pesquisa realizada em 04.11.2009)

Sobral, J. (1996). Psicologia social jurídica. Em: J. L. Álvaro; A. Garrido; J. R. Torregrossa (Orgs.). Psicología Social Aplicada (pp. 254-268). Madrid: McGraw-Hill...

Stephenson, G. F. (1999). Psicología Social Aplicada. Em: M. Hewstone; W. Stroebe; J. P. Codol & G. M Stephenson (Org.). Introducción a la psicología social: Una perspectiva europea (pp.397-425). Barcelona: Ariel.

Triandis, H.C. (1995). Individualism and collectivism. Boulder, CO: Westview Press.

Triandis, H. C. et all. (1993). An etic-emic analysis of individualism and collectivism. Journal of cross-cultural psychology, 24 (3), 366-383.

Trzop, B. M. (2000). The big five: Taxonomy of trait theory. <http://www.personalityresearch.org/papers/popkins.html>. Acessado em 24 de dez. de 2005.

Van De Vijver, F. & Leung, K. (1997). Methods and data analysis for cross-cultural research. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Werneck, C. (2000). Questões contemporâneas. Significados e relações constituídas entre o lazer e a recreação no Brasil. In C. Werneck. Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas. (pp. 80-126). Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Zamora, C. S. & Lemus, I. S. (2008). Modelos de Ecuaciones Estructurales: ¿Qué es eso? Ciencia & Trabajo, 10 (29), 106-110.

Zuckerman, M. (1971). Dimensions sensation of seeking. Journal of consulting and clinical psychology, 36, 45-52.

Zuckerman, M., Eysenck, S. B. G., & Eysenck, H. J. (1978). Sensation seeking in England and America: Cross-cultural, age and sex comparisons. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 46, 139-149.